

Métodos e técnicas são revistos

Fernanda Lambach

A escola não é mais a mesma. Nem a pública nem a particular. Foram tantas as mudanças que hoje muitos pais têm dificuldade para entender o que significam construtivismo, psicogenética, método natural ou pedagogia crítico-social.

Essa sopa de métodos e técnicas pedagógicas, nesse período de volta às aulas, vem sendo cada vez mais questionada e revista.

A dúvida sobre o que será melhor para a criança atormenta pessoas como a professora Rosângela Molina, que percebe a necessidade de colocar cada uma de suas duas filhas em escolas diferentes.

Ana, 5 anos, é agitada e precisa de um colégio que imponha limites, disciplina. Já a tímida Júlia, 3, tem demonstrado melhora em escolas que privilegiam a expressão e a opinião dos alunos.

Importância — A orientadora e psicóloga Cleunice de Arruda Castro, que prepara professores em cursos particulares, diz que todas as metodologias são importantes, pois

foram “sistematizadas para o bem-estar da sociedade”.

O que mais se sugere é que os pais procurem escolher a metodologia que se pareça com o perfil da criança. Além disso, o fundamental é que o método da escola se adeque ao modo de vida da família.

Muitas crianças escolhem escolas que são diferentes do modelo que os pais gostariam que elas seguissem.

Segundo Júlia Chaves, orientadora do método natural, dependendo da maturidade do relacionamento em casa, a decisão da criança pode ser bem entendida pelos pais.

Sintonia — “Depois da fase de adaptação, o imprescindível é que escola e família andem sintonizadas”, diz.

A escola deve ser um prolongamento da família, trazendo para a criança o mesmo afeto que ela recebe em casa. E os pais devem estar sempre presentes.

Para a psicóloga, eles devem procurar compreender, cada vez mais, a metodologia que serve de instrumento para a formação dos filhos: “O convívio democrático, com muito diálogo, é fundamental.”

Tina Coelho



Para Júlia Chaves, orientadora do método natural, é fundamental que a escola e a família andem em sintonia

Aluno deve fazer sua opção

A psicóloga Cleunice de Arruda diz que a escola deve estar adequada ao perfil da criança: “Não devemos obrigá-la a frequentar um colégio porque alguém nos disse que ele é bom.”

Júlia Chaves, diretora do Indi-Bíbia, no Lago Norte, ao explicar seu método natural de ensino, diz que várias vezes teve que sugerir aos pais que colocassem os filhos em escolas de método tradicional. “A liberdade que o colégio dava para crianças que necessitavam de regras rígidas fazia com que elas se sentis-

sem deslocadas”, conta.

Segundo o professor Dalvo Cardoso de Oliveira, diretor do Leonardo da Vinci, os pais têm procurado nas escolas a formação integral dos filhos, o que inclui a transmissão de valores morais e o tratamento individualizado.

Várias escolas católicas também procuram absorver os métodos modernos (quadro à direita) de ensino que pregam, como na postura construtivista, que o foco central da aula seja o estudante e não o professor.

Crianças sonham com o retorno

A adaptação aos métodos de ensino pode ser testada quando observamos a expectativa de crianças e jovens no preparo para voltar às aulas.

Pedro Campos de Carvalho, 10 anos, já está com a mochila preparada para o seu primeiro dia de aula, amanhã.

Ele estuda na escola Candanguinho desde a pré-escola e se considera muito feliz com o que vem aprendendo. O que o preocupa é ter que deixar a escola no ano que vem. O

colégio não possui classes de 5ª a 8ª séries.

Ansioso para rever o grupo de amigos, com quem faz também aulas de natação e de karatê, diz que já está pensando em procurar onde estudar no ano que vem.

Vivian Campos, mãe de Pedro, confirma que o filho está dividido: “Gostaria de continuar com todos os amigos, mas nem todos estão optando pelo mesmo colégio.”

Ela pretende matricular o menino

em escola que tenha método similar ao do Candanguinho.

Em Santo Antônio do Descoberto, Erizonaldo Araújo, 18, estuda à noite e prova que a escola pública está mais viva do que nunca.

Naldo, como é conhecido entre os amigos, está sempre com uma revista de ciências embaixo do braço. Como trabalha em uma banca da W-3 Sul, pode se dar ao luxo de ser mais exigente: “O que eu gosto mesmo de ler é a *National Geographic*.”